

SEBASTIÃO DE OLIVEIRA CASTRO FILHO*

Ministro do Superior Tribunal de Justiça

Às vésperas de se aposentar após 36 anos de incansável dedicação à magistratura, o carismático ministro do STJ fala sobre um sonho realizado

Há uma boa quantidade de caixas espalhadas pelo gabinete do ministro Sebastião Castro Filho no Superior Tribunal de Justiça, em Brasília. Há sete anos esse cidadão goiano nascido na cidadezinha mineira de Nova Ponte tomava posse na Corte da Justiça após uma carreira de muitas lutas contra as dificuldades financeiras de uma família pobre e honrada, contra as condições adversas para seguir o seu sonho de ser magistrado. Agora, na semana em que se aposentava ao chegar à idade limite, a equipe de seu gabinete trabalha para acomodar e empacotar livros e lembranças desses sete anos. O ministro mudará seus pertences para um escritório na capital federal e tem planos de concluir o doutorado e continuar sua vocação no magistério, formando jovens juristas. No meio da tarefa de arrumar a mudança ele recebeu a reportagem de Diálogos&Debates para a seguinte entrevista:

diálogos&debates Antes de ser juiz o senhor foi jornalista. Como começou nessa profissão?

Sebastião Castro Filho Fui radialista e jornalista por treze anos. Minha família era muito humilde. Nasci em Nova Ponte, pequena cidade que fica entre Uberlândia e Uberaba. Dizem que mineiro sempre nasce perto de alguma coisa. Eu nasci perto de Uberlândia [risos]. Saí de Nova Ponte quando tinha 4 anos, fui para Araguari, depois para Estrela do Sul e, aos 7 anos, para uma fazenda ainda em Minas Gerais. Dos 8 aos 12 anos

trabalhei na enxada com o meu pai, dando um duro danado. Eu era o mais velho dos quatro filhos e aos 10 anos ainda estava analfabeto, pois não tinha ido à escola. Depois apareceu uma professora por lá e comecei a aprender alguma coisa. Aos 12 anos nos mudamos para um pequeno povoado no Estado de Goiás, na época chamado de Boa Vista, hoje Joviânia. Passei parte da pré-adolescência nessa cidade, até concluir o curso primário, aos 16 anos. Fui da primeira leva que depois saiu dali para ir estudar em Goiânia.

diálogos&debates Foi um começo bastante difícil, portanto.

Castro Filho Sim, mas em 1954 consegui passar na Escola Técnica Federal de Goiás, fui até a capital para fazer o curso de Instalações Elétricas. Fosse de outra maneira, não conseguiria estudar, porque a escola tinha internato e era gratuita. Depois de dois anos surgiu um problema: meu irmão também foi para Goiânia, mas meu pai não tinha como sustentar os dois filhos. Um só já era difícil, pois ele era pedreiro. E os dois irmãos não podiam ficar no internato. Então consegui um emprego público de telefonista na Companhia Telefônica de Goiânia, pelo qual recebia salário mínimo. Na época o mínimo era tão bom que, embora com dificuldade, dava para sustentar a mim e ao meu irmão. Depois fui trabalhar como operador de som na Rádio Anhangüera de Goiânia, que existe até hoje, mas agora é da CBN. Eu queria muito ser locutor, mas sabia que era difícil ingressar, porque os locutores eram trazidos de São Paulo. Então entrei na vaga de operador de som, transferindo meu trabalho na Telefônica para a noite. Mais tarde fiz concurso para locutor, passei e fui ser radialista.

diálogos&debates O senhor trabalhou como jornalista enquanto fazia o curso de Direito?

Castro Filho Sim. Mas nessa época eu já havia deixado o internato gratuito, meu irmão ficou no meu lugar. Eu começava a me virar na vida. Aí, trabalhando na rádio, fiz o curso de Direito. Quando terminei o curso jurídico na Universidade Federal de Goiás, em 1967, era assessor de imprensa do então prefeito de Goiânia, Íris Rezende Machado, que depois ia ser cassado. Ele mais tarde chegou a ser ministro e também senador. Fui locutor na campanha dele, ele gostou muito do meu trabalho e me convidou para o cargo de assessor de imprensa. Aceitei muito a contragosto na época, pois não queria ser assessor de político. Mas acabei indo, fiquei com ele o tempo todo e hoje somos grandes amigos. Quando acabou o curso, já comecei a me preparar para ser juiz. Desde menino não pensava em ser advogado nem promotor, só juiz.

diálogos&debates Como surgiu essa vocação?

Castro Filho A vocação surgiu por ouvir meu pai, um homem semi-alfabetizado, mas muito inteligente e participativo. Ele contava histórias de juízes íntegros, cultos, corretos, justiceiros, honestos, e comecei a admirar a figura do juiz, a fantasiar a imagem do juiz que eu queria ser. Me empenhei desde o primeiro dia do grupo escolar até o último dia de faculdade para isso: ser juiz. Queria ser do time dos juízes íntegros, cultos, honestos, como aqueles de que meu pai me falava. Depois do curso houve um interstício de três anos, então continuei como assessor de imprensa do prefeito de Goiânia. Com a cassação dele, fui ser assessor do prefeito de Anápolis. Era uma situação difícil, pois viajava 53 km todos os dias, de Goiânia a Anápolis, chegava em casa tarde para estudar, me preparando. Quando venceu o interstício de três anos, prestei o concurso e, com a ajuda de Deus, consegui passar. Ingressei na magistratura no dia 30 de março de 1971. De lá até aqui são 36 anos.

diálogos&debates O senhor passou por todas as etapas da carreira?

Castro Filho Toda a carreira. Comecei como juiz de primeira entrância em Ivolândia, um povoado tão pequeno que a única pessoa que tinha curso superior era eu, fosse na área jurídica ou não. As minhas dificuldades eram muito grandes, tinha que resolver tudo sozinho, não tinha com quem trocar idéias. Fiquei nessa comarca por cinco anos e meio e tenho grande apreço por lá, assim como pelos outros lugares por onde passei. Fui promovido para uma segunda comarca próxima a essa, chamada São Luís de Montes Belos, e depois de dois anos, que era o interstício de promoção da época, fui promovido para a terceira entrância, em Jataí, no sudoeste de Goiás. Fiquei quatro anos e cinco meses nessa comarca. Em 1987 tomei posse como desembargador de Goiás.

diálogos&debates Em São Paulo a rotatividade é muito maior, os juízes mudam de cidade em menos tempo.

Castro Filho É questão de diferentes momentos. Na época em que entrei estava muito congestionado, por isso fiquei cinco anos e meio na primeira entrância. Fui praticamente o primeiro da minha turma a ser promovido e cheguei ao tribunal depois de dezesseis anos de magistratura. Alguns colegas chegaram mais rapidamente, mas também é questão de época. Fiquei treze anos no tribunal de Goiás e em 2000 tomei posse como ministro do Superior Tribunal de justiça.

Diálogos&debates Como é sair de uma pequena comarca e ir parar nesse caldeirão que é Brasília?

Castro Filho Realmente é uma diferença muito grande. Na minha primeira comarca o serviço era quase nenhum. Houve um homicídio na cidade nos cinco anos em que fiquei lá. A comarca de São Luís era mais

movimentada, mas eu era o segundo juiz, tinha com quem dividir o trabalho. Em Goiânia tem muito processo, mas não se pode comparar ao Superior Tribunal de Justiça. Em Goiânia, naquela época, quando um desembargador julgava muito chegava a uma média de 400 recursos por ano. Hoje, no STJ, nós temos uma média de 1500 decisões por mês. Temos de trabalhar diuturnamente.

diálogos&debates Com todo esse trabalho, como foi possível conseguir tempo para dar conta da atividade docente com a leitura de processos e reuniões no STJ?

Castro Filho Alguns colegas chegam a dizer que é loucura dar aula e dar conta de tanto processo, mas na faculdade nós temos uma espécie de oxigenação. O contato com o jovem é muito importante, há uma troca e enriquecimento com esse convívio com os alunos. A gente sai estressado de uma sessão tensa, chega à faculdade, tem contato com os alunos e depois de um tempo já se sente tranquilo. Acaba sendo uma terapia, e a gente aprende muito. Às vezes a pergunta de um aluno é o bastante para motivar uma pesquisa, um estudo, uma reflexão. O que não pode acontecer é o juiz priorizar a faculdade. Juiz tem que ser juiz antes de qualquer coisa. Depois pode ser professor, escrever. Mas o magistério não pode prejudicá-lo na sua função principal, que é a judicante.

diálogos&debates O senhor é muito convidado para palestras em curso de iniciação para novos juízes, o que diz aos jovens candidatos?

Sebastião Castro Filho Faço muitas palestras, sim, mas sempre levava comigo uma pasta cheia de processos para corrigir e revisar. Nessas palestras eu digo: "Vocês querem ser juízes? Ótimo. Se eu tivesse que começar tudo de novo, começaria e faria tudo igual, pois ser juiz foi uma

das experiências mais salutares. Se quiserem ser juízes, venham e serão bem-vindos, mas não se esqueçam: é um sacerdócio". A magistratura não é local para ficar rico, é local para trabalhar.

diálogos&debates O senhor foi um dos fundadores da Escola da Magistratura de Goiás, certo?

Sebastião Castro Filho Fui um dos fundadores, vice-diretor por quatro anos e diretor por cinco anos. Também me identifico muito com as Escolas. Acho que, se bem direcionadas, elas são um instrumento extraordinário para a melhoria do cidadão e para a atualização do magistrado.

diálogos&debates Como é a Escola da Magistratura de Goiás?

Sebastião Castro Filho Ela é híbrida, não é nem oficial nem privada, pois foi fundada pela Associação dos Magistrados de Goiás, mas quem paga alguns funcionários é o Tribunal de Justiça. Além disso, o diretor é um desembargador nomeado pelo presidente do Tribunal, mas por indicação do presidente da Associação. Em Goiás temos cursos preparatórios para quem quer ser juiz, para candidatos à magistratura. Sou professor lá até hoje, vou nos finais de semana. Há também um curso para quem já foi aprovado. Os juízes passam a manhã na escola e trabalham como auxiliares à tarde, durante três meses, tendo aulas de latim, português forense e aprendendo a prática. Então a escola de Goiás prepara o candidato e o juiz, tendo cursos permanentes de reciclagem, além de outros em nível de pós-graduação, realizados em convênio com universidades.

diálogos&debates Em toda a sua carreira, que casos foram mais complicados?

Sebastião Castro Filho Tive muita sorte, mas houve pepinos mais difíceis de serem descascados. Na primeira entrância lidei com algumas questões envolvendo furto, invasão de terra entre os fazendeiros vizinhos. Naquela época muitos casos eram graves, pois se não fossem resolvidos rapidamente poderiam chegar a um desfecho muito desagradável, de revides e vinganças. Mas os casos mais dramáticos são os que envolvem interesses familiares. Quando mexe com o sentimento do cidadão, a coisa fica muito difícil, principalmente quando é um sentimento interligado entre membros da mesma família. São problemas difíceis de resolver porque afetam também o psiquismo do juiz. É preciso ter muita cautela, porque se você se deixar envolver pode ser injusto com alguma das partes. Não é fácil não se envolver, pois são problemas que afetam todos nós como pessoa. São questões que muitas vezes nos levam a certos estados de perplexidade, dúvida sobre como decidir ou dificuldade no sentido de saber que a decisão será incapaz de alcançar todas as conseqüências do fato praticado. Isso infelizmente acontece e é comum na vida de todo juiz.

diálogos&debates Quais recomendações o senhor daria aos juízes do Estado de São Paulo?

Sebastião Castro Filho Depois que eu vim para o Superior Tribunal de Justiça, o Estado de que mais recebi convite para falar e dar palestras foi São Paulo. Tenho um apreço muito grande pelo Estado e pela cidade, tenho muitos amigos em várias cidades paulistas. Eu diria aos colegas paulistas e brasileiros, em geral, que ser juiz não é, como diria o poeta, que se referia à mãe: ser juiz não é padecer no paraíso, é padecer. Isso porque você dedica a sua vida para resolver problemas que não são seus, mas isso pode ser altamente gratificante, desde que você seja

vocacionado. Acho que qualquer profissão só é exercida com prazer se existir vocação. E acho que o magistrado ou candidato a magistratura deve lutar por isso. Agora com a aposentadoria vou sentir falta dos julgamentos, pois é muito bom chegar ao final de um processo, principalmente o que você presidiu desde o início, e dar o julgamento convicto de que está sendo justo, ainda que esteja errando. Costumo dizer que quem erra na convicção de que está acertando não erra, se equivoca. Quem se equivoca consciente de seu equívoco não se equivoca, erra. Isso pode acontecer com o magistrado, que erra na convicção de que está acertando.

diálogos&debates O senhor conseguiu ser um juiz como o das histórias que seu pai contava?

Sebastião Castro Filho Tenho a impressão de que me aproximei muito, quase cheguei a alcançar, mas não foi possível. Havia ali muito sonho, e entre o sonho e a realidade há uma distância muito grande. Mas, graças a Deus, posso dizer que sempre tentei ser justo. Não cheguei a ser aquele juiz justo que eu queria ser na minha arquitetura infantil, porque todos somos falíveis, mas saio com uma tranquilidade de consciência muito grande. Não cometi nenhum erro consciente. Devo ter feito injustiças, lamentavelmente, porque o juiz julga principalmente com base no que está nos autos, e muitas vezes a prova colhida não é a melhor. Muitas vezes ele é obrigado a se contentar com a verdade processual, que nem sempre é verdadeira.